

**ARTE-EDUCAÇÃO NO PARANÁ:
o ideário de Erasmo Pilotto e Emma Koch na rede oficial de ensino**

Autores: Prof^a Dr^a Maria Cecília Marins de Oliveira
Mestre Giovana Teresinha Simão

RESUMO

A análise que se pretende efetuar tem como pano de fundo o pensamento do educador norte-americano, John Dewey, que se manifesta, no Paraná, através do pensamento e das ações educativas propostas por Erasmo Pilotto e Emma Koch, juntamente com outros artistas educadores, tendo como ponto central as relações entre arte e educação mediante o processo de desenvolvimento do espírito criativo do ser humano. As idéias defendidas por Dewey repercutiram em outros educadores partidários do processo de aprendizagem ativo e participante da criança, focalizando aspectos que mobilizaram a educação no sentido de se buscar mudanças no ambiente escolar. As fontes pesquisadas constaram do levantamento bibliográfico de autores que abordam questões relativas aos princípios educacionais propostos e defendidos por Dewey, tendo no Paraná a figura representativa de Erasmo Pilotto no movimento da Escola Nova, e de quantos comungaram com ele desses ideais. A pesquisa realizada por Giovana Teresinha Simão sobre arte-educação, no Paraná, trouxe ao conhecimento o trabalho realizado por Pilotto em parceria com a artista e professora Emma Koch, no desenvolvimento da prática educativa por meio da arte que inspirou a criação das Escolinhas de Arte, em Curitiba. A aplicabilidade deste pensamento no meio educacional, proposto e colocado em prática por Erasmo Pilotto, Emma Koch e outros artistas-educadores, possibilitou a associação da arte com a educação nas escolas primárias de Curitiba que se disseminou depois em escolas do interior. A metodologia empregada constou do levantamento e seleção dos dados para permitir a análise do pensamento educacional da Escola Nova, sua influência e repercussão nos artistas-educadores em instituições do Paraná, levando-se em consideração os momentos políticos e culturais do país.

Palavras-chave: arte-educação, escola, aprendizagem, ensino.

*Prof^a Dr^a Maria Cecília Marins de Oliveira. Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná; Núcleo de Pesquisa, Centro Universitário Campos de Andrade. CPF/MF: 318431909-15.

**Prof^a Mestre Giovana Teresinha Simão. Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

**ARTE-EDUCAÇÃO NO PARANÁ:
o ideário de Erasmo Pilotto e Emma Koch na rede oficial de ensino**

Autores: Prof^a Dr^a Maria Cecília Marins de Oliveira
Mestre Giovana Teresinha Simão

O pensamento renovador da educação permanece constante nas discussões e debates entre educadores, no final do século XX e nos primeiros anos do século XXI. Propostas revestidas de novos procedimentos educacionais, por meio das palavras de novos personagens que despontam entre os educadores, têm como enfoque a prática das atividades de aprendizagem desenvolvidas na escola.

Os princípios norteadores das novas propostas e teorias nos meios educacionais surgem entrelaçados aos novos mecanismos e instrumentos tecnológicos que passam a integrar o pensamento da educação. Parte dessas propostas revestidas de uma linguagem atual expressam idéias e ideais, cujas raízes encontram-se nas propostas de educadores do passado que, aos poucos, foram construindo todo o aparato que se constituiu, no tempo, a história da educação e da pedagogia.

A análise que se pretende efetuar tem como pano de fundo o pensamento do educador norte-americano, John Dewey, que se manifesta, no Paraná, através do pensamento e das ações educativas propostas por Erasmo Pilotto e Emma Koch, juntamente com outros educadores e artistas-educadores, tendo como ponto central às relações entre arte e educação mediante o processo de desenvolvimento do espírito criativo do ser humano. As idéias defendidas por Dewey repercutiram em outros educadores partidários do processo de aprendizagem ativo e participante da criança, focalizando aspectos que mobilizaram o ambiente da educação, no sentido de se buscar mudanças nos procedimentos metodológicos, no ambiente físico da escola, nos recursos materiais e na mudança de postura do professor. As fontes pesquisadas constaram do levantamento bibliográfico de autores que abordam questões relativas aos princípios educacionais propostos e defendidos por Dewey, tendo no Paraná a figura representativa de Erasmo Pilotto, no movimento da Escola Nova, e de quantos comungaram com ele desses ideais. A pesquisa realizada por Giovana Terezinha Simão sobre arte-educação, no Paraná, trouxe ao conhecimento o trabalho realizado por Pilotto em parceria com a artista e professora Emma Koch, no desenvolvimento da prática educativa por meio da arte que inspirou a criação das Escolinhas de Arte, em Curitiba. A aplicabilidade deste pensamento no meio educacional, proposto e colocado em prática por Erasmo Pilotto,

Emma Koch e outros artistas-educadores, possibilitou a associação da arte com a educação nas escolas primárias de Curitiba e depois em escolas do interior. Ainda foram investigados documentos oficiais que tratam do posicionamento dos governos frente às novas idéias para serem introduzidas por educadores, na educação paranaense. A metodologia empregada constou do levantamento e seleção dos dados para permitir a análise do pensamento educacional da Escola Nova, sua influência e repercussão nos artistas-educadores em instituições do Paraná.

O avanço da ciência e da tecnologia, no período da Idade Moderna, permitiu o desenvolvimento de novas concepções e práticas educacionais ante as possibilidades de uma aprendizagem construtiva e crítica que, aos poucos, foram tomando corpo nos procedimentos cotidianos da escola.

A retomada do pensamento grego e romano, levando à nova concepção da personalidade humana, deu o fundamento pedagógico que os educadores humanistas do século XVI buscaram enfatizar no trabalho educativo dispensado à criança. Nomes, como Vitorino de Feltre, na Itália, Michel Montaigne e Rabelais, na França, o dos Irmãos da Vida Comum, na Alemanha, e outros mais, lançaram os alicerces para a construção de uma nova realidade educacional, na qual as atenções concentraram-se no desenvolvimento da mente e da criatividade, na fase mais importante da vida do ser humano, a fase infantil.

As idéias realistas de Comenius, no século XVII, repousando na fé da capacidade de todos os seres humanos, buscaram, em sua analogia entre o desenvolvimento da natureza e o desenvolvimento do ser humano, estabelecer os parâmetros do encaminhamento do processo de aprendizagem, partindo do pensamento independente do homem para tudo aquilo que visse com os olhos e pudesse saber com a mente. (EBY, 1970, p. 159). A aprendizagem iniciada pelos sentidos foi sustentada por Comenius, pressupondo as impressões sensoriais adquiridas pelas experiências vividas pelas crianças ante o manuseio dos objetos para aprender fazendo. (EBY, 1970, p. 165).

O pensamento experimentalista de John Locke, em meados do século XVII, reforçou a concepção da independência do pensar e do saber que a experiência proporcionava, por meio da descoberta que cada um realizava pela observação. A experiência passava a ser vista, então, como fonte do conhecimento, pois seria nela que se fundamentaria o conhecimento. (EBY, 1970, pp. 251, 257-2620).

Os conhecimentos e o desenvolvimento da capacidade humana foram reforçados por outros educadores, nos séculos seguintes, cada qual trazendo sua contribuição para o

crescimento de uma pedagogia adaptada às novas condições que foram se anunciando através do tempo. Froebel, Pestalozzi, Rousseau, Herbart e muitos outros apontam os caminhos para uma nova forma de pensar o processo educativo e as práticas pedagógicas, sedimentadas na pedagogia desenvolvida pelos educadores.

A relação intrínseca entre ação e conhecimento foi estabelecida pelo educador e filósofo americano, John Dewey, no final do século XIX e início do século XX, quando baseou seus princípios e práticas educacionais na teoria pragmatista da evolução da mente e do conhecimento, afirmando a sua evolução puramente natural. Segundo o filósofo, as atividades humanas em conexão aos poderes da mente permitiriam ao homem exercer o controle sobre objetos e situações, fazendo da mente a ferramenta ou o instrumento eficiente que o elevava acima de todas as demais criaturas. (EBY, 1970, p. 533).

Dessa maneira, a atividade relacionava-se à capacidade mental do homem à medida que a mente incorporava e assimilava a atividade. Como colocava Dewey (1970, pp. 533, 536-538), a ação precede a experiência, o conhecimento ou a aprendizagem, não havendo a possibilidade de se ter conhecimento isolado da ação. Assim, o enfrentamento de novas situações exigiria mudança das atividades que iriam produzir a diversificação e o enriquecimento da experiência e, por conseguinte, do conhecimento. A revisão, a reorganização e a reconstrução da experiência se fariam por meio da educação, num processo contínuo refazendo e reajustando a experiência para alcançar o objetivo educacional de promover, em cada fase da vida, maior capacidade de crescimento.

A educação, defendida por Dewey, não estaria restrita às primeiras etapas da vida, preparando para alguma etapa futura. A educação seria um processo real e vital, vivido continuamente pelo homem do nascimento até o final de sua vida, numa constante reconstrução. Dessa assertiva Dewey concluiu: *educação é vida*. (EBY, 1970, p. 537-538).

Dessa constante reconstrução a proposta de liberdade humana, derivada da interioridade mais elevada de cada um, se tornaria exequível através da contínua investigação inteligente como condição de progresso, ante a qual a integração do homem à natureza constrói o homem pensante e responsável. (LIMA, 1976, pp. 52-67).

A educação estaria, pois, compromissada em formar o homem pensante e responsável, orientando e interpretando instintos, poderes, hábitos e interesses fundamentais da fase infantil para o seu uso nas situações e relações sociais, nas quais a

comunicação seria o instrumento de atuação e modificação social pela conversação, descoberta de coisas, confecção de coisas e expressão artística. A atividade educativa residia nas atitudes e atividades instintivas e impulsivas da criança e não na apresentação e aplicação de material externo. (EBY, 1970, pp. 539-540). Aquilo que estivesse pronto e acabado sem qualquer participação criativa, pouco concorreria para o crescimento e a descoberta de novas coisas.

Daí porque, o trabalho a ser desenvolvido pela escola residia, primordialmente, em despertar a curiosidade e a sensibilidade para incentivar a criatividade infantil, por meio da externalização do *eu* interior.

No século XIX, nos Estados Unidos e na Europa, iniciaram-se os movimentos para a institucionalização da educação infantil, tentando dar um cunho mais científico ao encaminhamento das atividades escolares. O ideal da democracia, do qual todos os homens participariam por meio da educação para a construção de um mundo melhor, estabelecia-se como direito de todos. A escola, assim, tornava-se estreitamente relacionada à vida do lar e do ambiente em que se inseria a criança, ao contrário da concepção de escola apartada do viver cotidiano da criança, considerada somente adequada ao aprendizado das lições. A nova concepção de educação inseria a escola no mundo vivido diariamente pela criança numa conexão estreita entre a aprendizagem das matérias e a forma como os conhecimentos viriam suprir suas necessidades.

A Escola Nova como se denominou a proposta de Dewey, assentada nos novos princípios e procedimentos pedagógicos, constituiu-se na ruptura de valores dos métodos rígidos e repetitivos da Escola Tradicional, voltando seus interesses aos aspectos lúdicos e integradores da arte como meio auxiliar no processo de aprendizagem.

A Psicologia ganhava espaço na Escola Nova, centrada no desenvolvimento psicológico e biológico e na auto-realização das crianças. O método voltava-se para a criança e as atividades socializadas, trabalhos em grupo, pesquisa, jogos lúdicos e técnicas experimentais do aprender fazendo. A livre expressão revelaria o interior da criança através da sensibilidade sob o estímulo do professor em suas atividades, conduzindo à convicção da importância da arte na aprendizagem. (PILOTTO, 1997, pp. 62-63).

Pilotto (1997, p.63) destaca a importância das novas concepções educativas de Dewey, Lowenfeld e Read com repercussões no Brasil e no mundo, envolvendo educadores, psicólogos e artistas que contribuíram para a divulgação dessa corrente. O

objetivo da arte na educação infantil, inicialmente empregado em experiências terapêuticas, foi depois direcionado para o encaminhamento das inclinações artísticas e estéticas, além de se constituir numa ferramenta auxiliar excepcional para o aprendizado pré-escolar.

Em 1948, com a criação da Escolinha de Arte, no Rio de Janeiro, incentivada por Augusto Rodrigues, iniciava-se na educação um processo de experimentação mais sistematizado que logo se disseminou entre outras escolinhas que foram criadas no Brasil. Conforme coloca Pilotto (1997, p. 64), o importante salto que a Escola Nova e suas manifestações paralelas e posteriores tiveram a partir da Semana de Arte Moderna, em 1922, contando com o movimento de artistas e literatos e os fatos político-culturais ligados a ela, foram determinantes para a implantação de novas propostas educacionais.

No Paraná, já no início da década de 1930, o conjunto de mudanças sociais, políticas e econômicas da esfera nacional começaram a afetar questões internas do Estado.

O Movimento Revolucionário de 1930, o Governo Vargas, o Manifesto dos Pioneiros da Educação, em 1932, e, logo depois, a instalação do Estado Novo, fazia chegar ao Paraná a intervenção federal e seu Interventor Manoel Ribas, estabelecendo no plano educacional a centralização e o controle do Estado com uma fiscalização rigorosa no ensino.

O impacto do Manifesto dos Pioneiros deu-se sob várias instâncias, permeando reformas e reorganizando a educação no Paraná, frente ao aumento da população, à crescente demanda por escolas e ao desejo de definir o modelo de nacionalidade e racionalização administrativa do Estado. Uma das grandes investidas foi a alteração nos cursos de magistério, por meio de vários decretos, a fim de estabelecer novos critérios para a docência paranaense e modificações na escola primária. (SIMÃO, 2003. pp. 59-60)

Os indicadores apontavam a pedagogia da Escola Nova provocando mudanças nos currículos para os cursos de professores e reformulando a Escola Normal. Miguel (1992, pp. 82-83), comenta a respeito das disposições do Decreto nº 271, de 27 de janeiro de 1932, com inovações para a criação de escolas para formação de professores rurais, escolas normais e Escola Normal Superior, a introdução de novas disciplinas nos currículos, especializações em ensino rural e jardim de infância, além da proposta da criação da Associação de Amigos da Escola, para oportunizar o diálogo pedagógico

entre professores e sociedade. O embargo do decreto pelo Interventor do Estado não fez cair no esquecimento o seu ideário renovador.

Em 1937, a Assembléia Legislativa propunha o projeto de um novo Código de Educação para a reforma do ensino no Estado, que se fundamentava nas idéias daquele decreto. O Golpe de Estado que instituiu o Estado Novo impossibilitou a discussão desta reforma, embora as idéias fossem incorporadas em leis e decretos, em anos posteriores.

A década de quarenta foi marcada pela aplicação de leis e decretos de âmbito educacional e também pela inserção das concepções pedagógicas da Escola Nova, fomentadas, sobretudo pelo professor Erasmo Pilotto. Foi em torno dele e a partir da sua interpretação escolanovista que a escola primária e Normal paranaense dialogaram francamente com os ideais renovadores.

A afinidade de Erasmo Pilotto com o movimento neo-pitagórico, fundado, em 1909, por Dario Vellozo, e as leituras sobre os filósofos seguidores desta vertente filosófica, coloca Simão (2003, pp. 62-63), valerem-lhe a inclinação e a conscientização para o humanismo, fazendo de Curitiba um dos poucos centros de resistência humanista em relação a outras cidades brasileiras. O Centro de Cultura Filosófica, fundado pelo grupo de jovens, liderados por Erasmo Pilotto, funcionou como centro de estudos, debates, refúgio e solidariedade.

Como aluno da Escola Normal, Erasmo Pilotto teve seus primeiros contatos com as idéias da Escola Nova e sua posição foi de pronta adesão. Obras panfletárias de Ferrer, "*Transformaremos a escola*", de Rousseau, "*Emílio*", entre outras levou Pilotto à conclusão que a Escola Nova não se constituía num feixe de normas pedagógicas, mas no esforço comum para criar na escola uma nova vida. Segundo essas idéias, Pilotto, em 1938, participou da criação da Escola de Professores, segundo os ideais da Escola Nova.

A Lei Orgânica do Ensino Normal da Reforma Capanema unificou nacionalmente a formação do magistério e, no Paraná, diz Simão (2003, p. 64), concorreu para a transformação da Escola de Professores em Instituto de Educação, da qual Pilotto teve participação militante exaustiva, buscando deixar no passado a experiência da reforma de Lysimaco Ferreira da Costa que apresentava aspectos dos passos formais herbatianos.

Frente às normas regulamentares da Escola de Professores, depois Instituto de Educação, Pilotto proporcionou, efetivamente, a inserção dos ideais escolanovista, em Curitiba, e, no restante do Estado, posicionando-se em defesa da escola pública, laica,

obrigatória e gratuita, em consonância com os intelectuais defensores da Escola Nova, como Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. O redimensionamento das normas do Decreto nº 6597/38 e a função que tomou a Escola de Professores foram obras de Erasmo Pilotto.

Adianta Miguel (1992, pp. 112, 124), que o estofo teórico e a aplicação técnica permitiram a construção de um plano de formação do Magistério Primário que orientou o trabalho dentro da Escola de Professores de Curitiba, tornando-a um centro de cultura pedagógica, cuja influência se fizesse além dos limites da escola, atingindo pais e comunidade. Como afirma Miguel, pretendia-se fazer do professor o agente de transformação social. A Escola, como centro de cultura pedagógica sob o incentivo e orientação de Pilotto, conduziu seus membros à investigação filosófica e experimental dos problemas da educação, por meio de pesquisas e intercâmbios com outros centros ou órgãos nacionais e estrangeiros. Por intermédio das missões culturais junto a alunos de escolas do interior contribuiu para democratizar e homogeneizar o ensino sob o signo dos novos ideais em toda a região paranaense.

Tanto na Escola de Professores como no Instituto de Educação Pilotto idealizou, programou e implantou medidas para melhorar o sistema de ensino, procurando realizar a Escola Nova, no Paraná, por meio da interlocução com obras diferenciadas, nas vertentes européia e norte-americana, valendo-lhe inclusive um caráter eclético, embora coerente em suas ações pedagógicas.

Na perspectiva da moderna pedagogia da Escola Nova, Puglielli (1996, p. 18) fala sobre a criação da primeira “Escola Nova”, no Paraná, o Instituto Pestalozzi, da iniciativa particular e da direção de Erasmo Pilotto, onde foram aplicados procedimentos pedagógicos inspirados em Pestalozzi, Montessori e Decroly.

A escola laboratório servia como exemplo vivo das idéias da Escola Nova, colocadas em prática por meio dos novos métodos pedagógicos que as alunas do Instituto de Educação eram convidadas a participar e a experimentar as novas modalidades de procedimentos de aprendizagem. O ambiente do Instituto Pestalozzi, diz Anita Pilotto (1987, p. 49), foi idealizado sob novas modalidades para estimular a criatividade infantil. Brinquedos, quadros de pintores paranaenses, móveis adequados para crianças, horta, jardim, sala de piano e sala de vitrolinha completavam o cenário do ambiente propício a despertar a sensibilidade infantil para os desenhos que iam fazendo.

A garagem da casa, onde funcionou o Pestalozzi transformou-se em escolinha de arte, com material de pintura, modelagem em argila e teatro de fantoches. Essa nova

cultura escolar evidenciou a nova linha de concepção de Pilotto, apoiado no pensamento e na experiência de Montessori, sobre a necessidade de ensinar por meio da arte. Erasmo Pilotto reafirmava a crença no poder da experiência artística para o aperfeiçoamento educacional. (PILOTTO, 1987, p. 49).

A auto-educação, segundo Erasmo Pilotto (1982, pp. 39-41), devia partir do ponto de vista da arte, para se manifestarem os fenômenos de atenção e persistência no trabalho. A mestra devia cultivar a música, o desenho, a dicção, ser sensível à harmonia das cousas, delicada de gosto, ter a delicadeza de maneiras, que emanam de um coração sensível aberto às manifestações da alma infantil. Através da arte, devia-se levar o educando a participar da grandeza do mundo, em seu pleno sentido, por ser este um excelente caminho, de alta eficácia, para envolver as crianças e a juventude. O educador, assim, devia envolver o educando em um ambiente de sensibilidade e arte.

As atividades desenvolvidas por Pilotto no Instituto Pestalozzi e seu contato com artistas locais, como Guido Viaro, João Turim e outros, contribuíram para efetivar a proposta educacional de “educar-se pela arte” que se estendeu ao ambiente do Instituto de Educação, influenciando os professores, sob a liderança de Erasmo Pilotto. (SIMÃO, 2003, p. 70).

O trabalho inovador e os redirecionamentos dados por Pilotto no Instituto de Educação valeram-lhe o convite para assumir o cargo de Secretário de Educação e Cultura do Estado, em 1949, no Governo de Moysés Lupion, onde poderia investir em iniciativas que abrangiam arte, educação e cultura.

Conforme coloca Simão (2003, p. 81), apesar da década de quarenta ter-se inaugurado fragilizada pela instauração do Estado Novo (1937-1945) e pelos impactos da Segunda Guerra, observava-se, no Paraná, a ocorrência dos primeiros sinais de mudanças, nas diversas áreas da sociedade, no final desta década e da década de cinquenta. Na educação, os sinais positivos foram as mudanças implantadas por Erasmo Pilotto no Instituto de Educação, com novas práticas pedagógicas e idéias educacionais que o consolidaram como a principal escola de formação de professores do Estado, influenciando o surgimento nesses moldes de outras escolas.

Neste ambiente de renovação educacional vêm participar artistas-educadores, como Emma Koch e seu marido Ricardo Koch, poloneses, provenientes do Rio Grande do Sul, da cidade de Rio Grande, onde dirigiram uma escola mantida pela sociedade polonesa. O êxito dos trabalhos educativos na escola, onde mesclavam o ensino das matérias com aulas de desenho e pintura, chegaram ao conhecimento do Consulado

polonês, em Curitiba, que os convidou para assumirem a direção de um internato em Curitiba, no qual desenvolveriam um trabalho cultural. (SIMÃO, 2003, pp. 77-80).

Em 1948, ocorreu a inauguração da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, congregando em torno dela os apreciadores e amantes das artes no Paraná. O desenvolvimento da educação artística constituiu-se numa das repercussões positivas da criação da Escola, bem como o desencadeamento de vários acontecimentos ligados às artes, que contaram com a participação de personagens, como Erasmo Pilotto, Viaro, Poty, Emma Koch, Violeta Franco e outros que também colaboravam com publicações relacionadas às artes na Revista Joaquim e com as reformas educacionais. (SIMÃO, 2003, p. 83).

Por esta época, comenta Simão (2003, p. 87-88), Erasmo Pilotto, frente à Secretaria de Educação e Cultura, tomando conhecimento do trabalho educacional realizado por Emma, convidou-a para assumir a Direção da Seção Artística da Secretaria, onde com o apoio de Erasmo Pilotto conseguiu colocar em prática vários projetos, sobressaindo-se o da implantação das Escolinhas de Arte, na rede oficial do ensino primário.

A formação pedagógica e a seriedade do trabalho de Emma Koch levaram Erasmo Pilotto a encarregá-la da Direção do Ensino de Artes Plásticas nas escolas da Capital. Conforme relato de Erasmo Pilotto, em 1974, sobre a implantação das Escolinhas de Arte na rede oficial de ensino (KOCH, 1974; PR. Secretaria de Cultura, 1988, p. 8-9), Emma iniciou seu trabalho fazendo inspeção em todos os grupos escolares de Curitiba, com o auxílio da professora Lenir Mehl. Primeiro organizou um curso de desenho para as professoras dos nove grupos selecionados, por apresentarem eles melhores condições para um trabalho inicial. A partir daí, selecionaram-se os alunos e organizaram-se cursos de artes a serem desenvolvidos fora do horário escolar, nos grupos Lysimaco Ferreira da Costa, Escola de Aplicação do Instituto de Educação, Dom Pedro II, Júlia Wanderley entre outros. Efetivavam-se daí em diante o funcionamento das Escolinhas de Arte.

Ainda relata Erasmo Pilotto que, a correspondência mantida entre Emma Koch e a School-Art – The Education Magazine de Stanford, Califórnia, USA, possibilitou a publicação de vários trabalhos de alunos na Revista da instituição, com comentários elogiosos. Mas o trabalho de Emma não se restringiu às Escolinhas, sendo ampliado com a criação de clubes infantis de cultura. Após haver deixado a Secretaria, relata Erasmo, Emma ainda promoveu duas exposições infantis, uma em 1º de setembro, por

ocasião do 30º aniversário do Instituto de Educação e outra em 7 de novembro. Em 1952, ao se realizar na Dinamarca um Concurso Internacional de Desenhos Infantis, o Ministério de Educação e Cultura selecionou 100 desenhos de todo o país, dos quais 27 desenhos de alunos orientados por Emma foram premiados. Eram desenhos ilustrativos dos contos de Andersen. Com esta vitória completou-se o notável trabalho de Emma Koch à frente da educação nas artes plásticas da infância paranaense.

A atuação de Emma Koch expandiu-se fora do âmbito das Escolinhas de Arte, acompanhando o projeto de Erasmo Pilotto na criação do primeiro Curso de Gravura.

Simão (2003, pp. 90-92) fala da preocupação de Pilotto em expandir outras modalidades de arte, em Curitiba. A presença de Poty Lazarotto, em Curitiba, em 1948, após seu retorno da Europa, trazendo sólida formação em gravura, possibilitou a Erasmo a realização de suas idéias de expandir o ensino da arte com a criação de um Curso de Gravura. Era uma outra modalidade de se implantar a comunicação através da linguagem artística, como expressão plástica. O Curso idealizado por Erasmo, mas realizado e dirigido por Poty, em 1950, contou com a participação de 19 alunos, a maioria deles artistas, dentre os quais Emma Koch e sua filha, Teresa Koch Cavalcanti, cujos trabalhos foram expostos no Centro Cultural Inter-Americano.

No ano seguinte, Poty tendo que retornar ao Rio de Janeiro, ele e Erasmo convidaram Emma para dar continuidade ao Curso. A dificuldade em conseguir material, em Curitiba, fez Emma escrever a Poty, solicitando-lhe o envio dos materiais necessários à realização do Curso, que foi prontamente acedido por ele.

Após o Curso inaugural, os alunos Violeta Franco, Alcy Xavier e Nilo Previdi organizaram o Clube da Gravura do Paraná, em parceria com outros artistas que se formaram nos cursos subsequentes. Somente, alguns anos mais tarde a Escola de Música e Belas Artes ofertou ensino de gravura.

As concepções artístico-pedagógicas que regiam o ideário de Erasmo Pilotto consideravam fundamental o ensino da arte, juntamente, com as matérias escolares, numa soma de valores que despertariam a sensibilidade e a criatividade através da livre expressão que a linguagem artística permitia de forma mais empolgante que a mera construção de textos, baseados em leituras nem sempre compreensíveis pelas crianças. Era a arte despertando a observação, a criatividade e o senso crítico. O conhecimento artístico para Pilotto conduziria o homem a uma melhor condição de vida.

A contribuição de Emma Koch, em sua passagem pela Secretaria de Estado, possibilitou-lhe deixar não somente o legado artístico-pedagógico que realizou junto às

escolas, mas influenciou as mudanças no próprio ensino de desenho, presente no elenco de matérias dos currículos escolares, transformando este ensino de mero ensino geométrico em ensino de arte.

A permanência do trabalho de Emma no imaginário de diferentes grupos sociais de Curitiba fez com seu trabalho fosse reconhecido nos mais diferentes segmentos da sociedade. Tanto assim, como diz Simão (2003, p. 150), o itinerário de Emma não se findou com sua saída da Secretaria, ao contrário, daquele momento em diante surgiram os mais variados convites para o ensino da arte. Em 1955, foi convidada para orientar as aulas de artes das normalistas do Instituto de Educação, até 1970. Também trabalhou com as normalistas do Colégio Sion e, concomitantemente, desenvolveu trabalhos artísticos no Colégio Estadual do Paraná.

Ainda adianta Simão (2003, p. 151), que o Programa de Desenho para a Escola Normal pontuava dois aspectos nos objetivos que eram o desenvolvimento de habilidades e competências que pretendia munir as normalistas daquele momento, futuras professoras, das condições que lhes permitissem difundir os ideais e as concepções pedagógicas tão bem estruturadas nas Escolinhas de Arte. As palavras de Emma, registradas à margem do Programa de Desenho comprovavam a expansão de suas idéias: “[...] a pedido da Secretaria de Educação e Cultura fiz uma apostila e depois o meu Programa para normalistas foi distribuído, principalmente no interior, de onde recebi muita correspondência, até visitas e pedidos de conselhos”. Com tais palavras, comprova-se o papel desempenhado pela artista e professora Emma Koch.

A parceria dessas duas figuras marcantes no cenário educacional do Paraná, Erasmo Pilotto e Emma Koch, possibilitou a efetivação do ideal do ensino artístico, a partir do lema “educar pela arte”, um dos princípios norteadores contidos nas propostas pedagógicas da Escola Nova, por meio da qual se processaram transformações sociais, cujas repercussões ainda se encontram presentes nos ideários de educadores defensores da educação como vida humanizada.

REFERÊNCIAS:

- EBY, Frederick. **História da Educação Moderna**. Teoria, organização e práticas educativas (séc. XVI - séc. XX). Porto Alegre: Globo, 1970.
- KOCH, Teresa. Texto retrospectivo de Erasmo Pilotto, datado de 1974, referente ao trabalho de Emma Koch com as Escolinhas de Arte, na rede oficial de ensino primário, em Curitiba. Arquivo particular de Teresa Koch (filha de Emma Koch). Entrevista, realizada em 2003. Curitiba, 2003. Cópia do original no acervo do Museu de Arte Contemporâneo –
- MAC. Publicação na Revista da Secretaria de Cultura, Emma e Ricardo Koch, Arte-Educadores e Artistas Plásticos, 1988, p.8-9, por Adalice Araújo.

LIMA, Gilda de. O indivíduo e a sociedade nas perspectivas de J. J. Rousseau e de J. Dewey. **Revista da Faculdade de Educação**, Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 2, n. 1, pp. 52-67, jun., 1976.

MIGUEL, Maria Elizabeth Blanck. **A Pedagogia da Escola Nova na Formação do Professor Primário Paranaense**, início, consolidação e expansão do movimento. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Pontifícia da Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

PILOTTO, Sílvia Sell Duarte. **O ensino da arte na educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1997. (Trabalho digitalizado).

PILOTTO, Erasmo. **Apontamentos para uma Pedagogia Fundamental**, II. Curitiba: Imprimax, 1982.

SIMÃO, Giovana Terezinha. **Emma Koch e a implantação das Escolinhas de Arte na Rede Oficial de Ensino**: mudanças na cultura escolar curitibana. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003. (Trabalho digitalizado).